



# **CORES DO OUTONO**

**COR NO MEU PROCESSO CRIATIVO**

# Caminho

Ando por um caminho com folhas secas e alaranjadas  
Sinto a brisa suave e morna tocar em meu rosto  
Ando de um lado a outro em busca de novas trilhas  
Às vezes encontro caminhos estreitos e cheios de espinhos  
Outra vez andei por um caminho largo que não me levou a lugar nenhum  
Um dia encontrei um caminho nem largo nem estreito,  
onde as folhas caídas ao chão se remexiam com o vento,  
as árvores balançavam de um lado a outro como em uma dança.  
Neste caminho encontrei outros diversos caminhos,  
E nele permaneci, caminhando, caminhando...

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. ESCOLA DE BELAS ARTES**

# **CORES DO OUTONO**

**COR NO MEU PROCESSO CRIATIVO**

**PÂMELA NEGROMONTE NOGUEIRA**

BELO HORIZONTE

2019

**PÂMELA NEGROMONTE NOGUEIRA**

# **CORES DO OUTONO**

**COR NO MEU PROCESSO CRIATIVO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Artes Visuais– habilitação Licenciatura – da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Artes Visuais.

Orientadora: Patrícia de Paula Pereira

## SUMÁRIO

RESUMO.....	6	3. A CRIATIVIDADE PARA O ARTISTA .....	63
INTRODUÇÃO .....	8	3.1 Arte por si mesma .....	66
1. MEU PROCESSO CRIATIVO .....	12	3.2 Ser criativo .....	70
2. MINHAS CORES .....	51	3.3 Sequência didática .....	72
2.1 Arte da Cor: Johannes Itten .....	54	3.4 Pintura na câmara escura .....	77
2.2 Método Sazonal: Suzanne Caygill .....	56	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	80
2.3 Outono escuro em minhas obras .....	58	REFERENCIAS .....	82

## RESUMO

Este trabalho apresenta um conjunto de trabalhos artísticos que produzi no período em que cursei Artes Visuais, na Escola de Belas Artes da UFMG. Com todos os anseios das experiências artísticas, trouxe também o meu desejo em aprender o desenho realista, culminando em experimentações diversas na área de Artes Visuais, inclusive no estudo da cor.

Selecionando alguns trabalhos desse período, consegui refletir sobre o uso de algumas cores que se repetiam em minhas experimentações artísticas e no cotidiano da vida pessoal, a partir do estudo do professor Johannes Itten e as possibilidades do Método Sazonal. Atrelado a todo esse processo de vivência artística na EBA/UFMG, avalio também a minha trajetória de formação em confluência com o ensino de Artes Visuais, principalmente quando decidi me habilitar em Licenciatura, trazendo uma série de questionamentos, como, por exemplo, “Qual a importância da arte?”. Com tais indagações, me aprofundei nos estudos do conceito de criatividade, sua relação com a imaginação e o fazer artístico.

Fazendo um compilado de todos esses pontos desenvolvi uma sequência didática, que apliquei em duas turmas do Ensino Fundamental, onde crio com os alunos um objeto inspirado na câmera escura. Posteriormente, a partir dessa sequência ainda não executada, apresento a possibilidade de uma proposta didática que se utilizará da câmera escura para sugerir aproximações entre o desenho realista e as experimentações práticas da pintura, considerando as possibilidades de cores da paleta de cada um, assim como vivenciei no meu processo de formação acadêmica em Artes Visuais.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é construir um caminho que possa auxiliar a todos que precisem compreender a relação do artista com as cores que seleciona para a criação das suas pinturas, fazendo um compilado entre estas questões e todo o meu processo de formação na Escola de Belas Artes – EBA/UFMG.

Sobre a minha trajetória na EBA, traço uma linha cronológica desde as primeiras experiências artísticas até meus últimos trabalhos produzidos no período da graduação, exemplificando minhas experiências visuais, pedagógicas, textuais, criativas, desafios e questionamentos que, ao longo desta trajetória pude enfrentar. Procurei entender como foi o meu processo e o desejo pessoal da busca pela representação realista das formas, até o entendimento de que esse objetivo não era prioridade para o desenvolvimento dos meus trabalhos artísticos. Penso que, assim, ao registrar esta experiência, como aluna da Licenciatura em Artes Visuais, posso contribuir com futuras reflexões para o processo de ensino/aprendizagem em Arte.

No primeiro capítulo desta monografia procurei fazer um compilado de trabalhos que produzi ao longo do curso, trazendo experimentações de diversos materiais como grafite, tinta óleo, pigmento xadrez, acrílica, argila, gesso entre outros. Juntamente com algumas vivências e questionamentos que enfrentei na minha busca pelo desenho realista. Depois de todo esse processo, percebi que para chegar ao meu desenho e encontrar minha forma de representação, não precisaria saber desenhar de forma quase fotográfica. Todo esse processo que vivi na Escola de Belas Artes contribuiu para que pudesse descobrir o meu próprio estilo de desenho.

Já no segundo capítulo entro a fundo em meus trabalhos de forma a identificar as cores que uso em minhas pinturas. Depois de muitas aulas práticas de pintura e desenho, conheci diversos colegas e neles pude perceber como são diferentes as paletas de cores de cada um. Ao longo do curso, depois de um contato mais próximo, pude identificar em alguns colegas, através das cores e do modo de pintar, a identidade dos autores em suas pinturas. Essas questões me despertaram o interesse em estudar as cores e suas composições harmônicas. Pesquisando, encontrei o método Sazonal, criado por Suzanne Caygill, onde ela seleciona cores que se harmonizam com cada pessoa, além do estudo do professor Johannes Itten.

Por fim, no último capítulo deste trabalho trouxe diversos questionamentos que tive após escolher a Licenciatura como habilitação. Alguns desses questionamentos eram “O que é Arte?” e “Qual a importância da Arte?”. Como aluna de Artes e como futura professora, penso que estas questões precisam ser respondidas minimamente, pois como poderia ensinar algo se não refleti o suficiente sobre tais indagações. Comecei, então, a estudar sobre a criatividade e procurar entender o meu processo criativo. Essas questões foram sendo norteadas e compreendi a importância do fazer artístico e como a arte nos ajuda a ver novas possibilidades, aprender com o erro e saber fazer uma autocrítica construtiva.

Com toda essa bagagem, desenvolvi uma sequência didática que se relaciona com o interesse que tinha em aperfeiçoar os meus traços e meu olhar, a ponto de fazer um desenho realista, bem como as cores que seleciono para fazer minhas pinturas. Criei um objeto que o nomeei de “monóculo de câmera escura” inspirado na câmera escura que é a precursora da fotografia. Este objeto prático é acessível e foi apresentado aos alunos do ensino fundamental, onde cada um deles fez seu monóculo. Assim, levei para as salas de aula não somente o contexto histórico da Arte, mas seus desdobramentos e experimentações, permitindo que os alunos tivessem contato direto com o fazer artístico.

Neste percurso, para a realização da pesquisa, utilizei de minhas experiências e meus trabalhos na Escola de Belas Artes, leituras na área de Arte, Ensino de Artes Visuais e Criatividade, bem como experimentos e estudos feitos pelo projeto-zero da Escola de Educação de Harvard. Além desses, também utilizo da pesquisa e estudo da Arte da Cor, do ex-professor da Bauhaus Johannes Itten, e o Método Sazonal criado pela artista Suzanne Caygill. Para desenvolver o Monóculo de câmera escura usei o documentário feito pelo artista David Hockney, adaptando o objeto que criei na aula de Laboratório da Licenciatura, assim como experiências já vividas e outras a serem executadas, futuramente em novas práticas como professora de Arte.

# MEU PROCESSO CRIATIVO

## Modelando histórias (Primeira experiência estética)

Várias cores,

A sensação da massa se moldando com a força de minha mão;

Mãos pequenas que moldam formas,

Formas existentes no nosso cotidiano.

Sozinha, moldo meus próprios brinquedos de massinha;

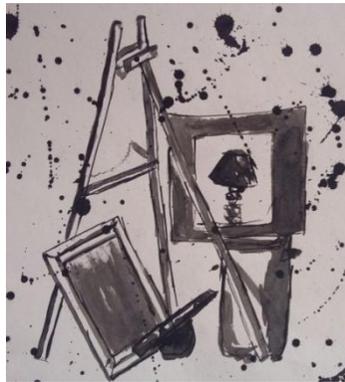
No espaço que eu chamo de canto, crio minhas histórias;

Modelando a massa, criando formas e misturando cores

Imagino histórias que preenchem o tempo de uma criança que se sente sozinha.

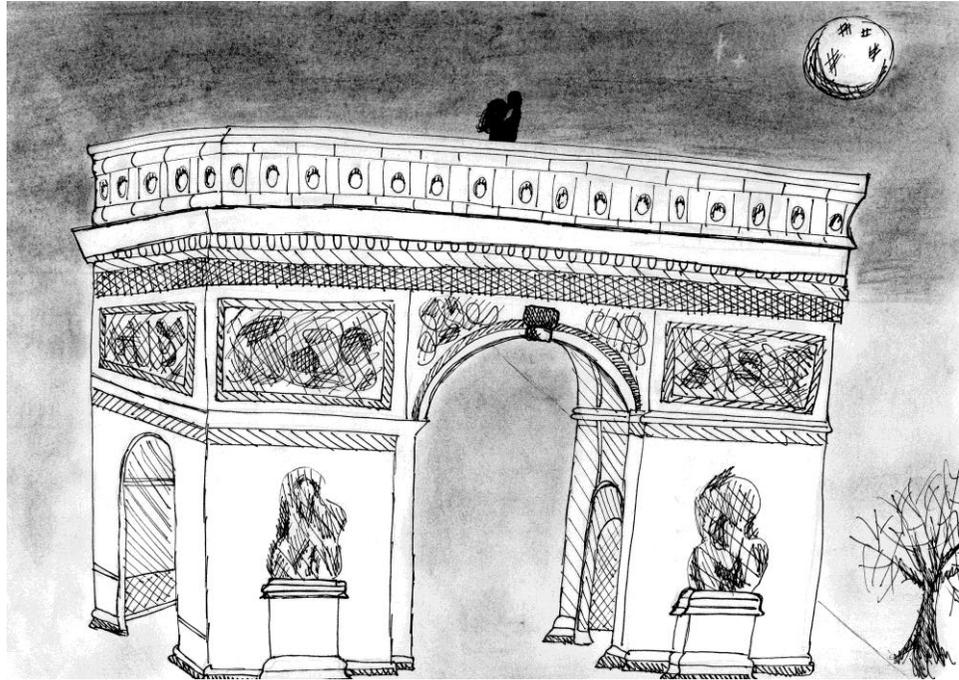
## MEU PROCESSO CRIATIVO

Assim que entrei na Escola de Belas Artes comecei a ter contado com diversos materiais, como, por exemplo, a tinta nanquim, grafite, carvão e o pigmento xadrez. Tive também contado com o desenho de observação e o croqui. Aprendi algumas técnicas de foto transferência e comecei um processo com colagem e montagem. Tive meu primeiro contato com as misturas de cores, mas sem nenhum embasamento teórico. Nesse momento da trajetória de formação, gostava de desenhos preto e branco, e me dedicava a fazer croquis. Já tinha uma tendência a desenhos de figura humana, que se estenderam durante todo o curso. Essa experimentação de técnicas diferentes já, desde o princípio me fez aproximar do desenho mais solto, apesar de que, naquele momento, eu tinha o desejo em aprender o desenho realista.



## IMAGEM TÉCNICA

Momento do meu primeiro contato com a fotografia. O estudo da sua história fez com que, futuramente, despertasse meu interesse pela *pinhole* e a fotográfica para capas de livros. Considerando esse percurso, já tinha me decidido escolher a habilitação “Desenho”, com vistas a aperfeiçoar a aprender, mais especificamente, sobre desenho técnico, perspectiva, ilustração, diagramação e capista. Esta, por sua vez, também transita na área de Artes Gráficas, que seria (naquele momento) o desejo da minha segunda habilitação. Fora da academia, me dedicava a escrita do meu primeiro livro “Não Volte a Valentim”, livro este que me inspirou a fazer alguns trabalhos de colagem e montagem. E, nesse momento, tive a primeira oportunidade de criar uma história em quadrinhos. Foi uma história bem curta, que seria um conto, com algumas cenas que escrevi no meu Romance. As ilustrações que faço, em sua maioria, são tiradas de referências visuais que encontro na *internet* e no dia a dia. Desenho a partir de uma referência, mesmo que ao longo do processo eu faça modificações.



## **BIDIMENSIONALIDADE**

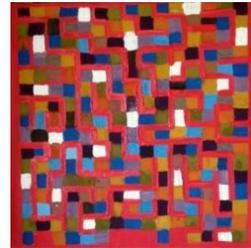
Com o uso de grafite e caneta nanquim, comecei a desenvolver o olhar para o desenho de objetos. Ainda muito amador e sem desenvolver uma técnica, fui treinando o olhar para a luz e sombra, que eram os pontos de estudo que eu tinha mais dificuldade. O desenho com caneta necessita de muita precisão e atenção. Nos desenhos apresentados percebo algumas distorções dos objetos e a falta de uma profundidade nos planos. Minha principal atenção, nesse momento, ainda estava voltada para o desenho de figura humana, que acabei desenvolvendo pouco. Porém, não posso descartar que, mesmo desenhando objetos inanimados, o olhar e a repetição do desenho contribuíram para que, ao ter contato com o corpo humano, eu já pudesse perceber uma melhora significativa na profundidade da composição e na coerência da luz e sombra.



Já com o uso das cores e com a experimentação de alguns tipos de tinta (óleo, acrílico, têmpera, xadrez)– me encontrei na tinta acrílica. Todas as minhas pinturas são muito rápidas, por isso a identificação com esse tipo de tinta, já que a secagem também é mais rápida. Enquanto alguns de meus colegas estavam começando seus trabalhos, eu já havia terminado os meus e começava a produzir rapidamente outras obras no espaço do Ateliê de pintura. Penso que minha ansiedade se reflete na obra, e a tinta acrílica tem esse temperamento, por secar rápida, evidencia a expressividade e a fugacidade do trabalho. Suas cores geralmente são intensas e brilhantes, diferentes da tinta óleo que é um pouco opaca e me provoca uma sensação nostálgica.

Comecei um trabalho com silhuetas que me chamou muita atenção. Apesar de não fazer só silhueta, esta é uma forma que me atrai e tive alguns experimentos com ela.

Trabalhei com a pintura e a figura humana, buscando a forma mais realista, mas as cores sempre divergiam do real.



## IMPRESSÃO

Meu pouco contato com a xilogravura foi apenas a experimentação. Fiz alguns trabalhos com silque, moldes, estampas, mas nenhuma dessas técnicas me cativou. Nos trabalhos que produzi a forma humana também está presente, como todos os outros. Nesta comecei a experimentar o autorretrato, onde futuramente faria novos trabalhos com este tema. Novamente fiz um trabalho com referência no meu livro “Não volte a Valentin”, um brasão do continente fictício que criei, chamado Narciso.



## TRIDIMENSIONALIDADE

Modelagem foi à técnica que mais me interessei nesta modalidade: sentir a argila, o processo de tirar e colocar a massa, apertar, desfazer e refazer. Alguns trabalhos quebraram quando secaram, pois não tinha compreendido a técnica da argila. Fiz algumas esculturas com o *biscuit*, sabonete, cerâmica fria e até com gesso. Nenhum desses artefatos chegaram no potencial esperado por mim. Apesar de gostar de modelar, este não foi um processo que identifiquei como meu.

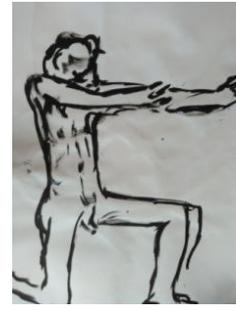


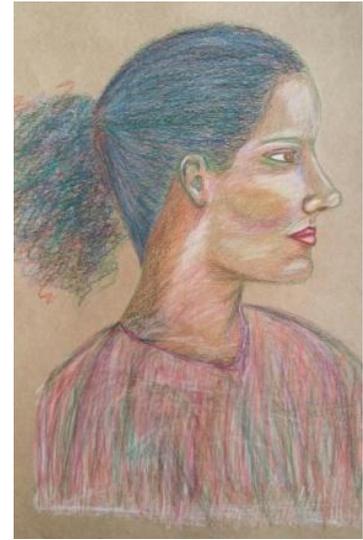
## DESENHO

Inicialmente escolhi como habilitação o Desenho. E com a expectativa, logo veio a decepção. Foi o meu primeiro contato com o desenho corpo humano ao vivo. No início as formas saiam distorcidas, sem muita sombra e luz, mas, aos poucos, fui desenvolvendo e melhorando. Comecei a ter uma ideia de proporção, mas ainda faltava muito para o meu tão esperado desenho realista. Experimentei desenho as cegas onde pude perceber se tenho ou não uma noção espacial boa. Comecei a treinar o desenho rápido, iniciando com 5 minutos, depois 1 minuto, 30 segundos, 10 segundos, 5 segundos e um segundo. Desenho de observação treina muito o olhar e, no final do curso, me atrevi a fazer um desenho de memória (mulher nua deitada) onde me surpreendi com minha lembrança fotográfica, pois no início do curso não conseguiria fazer um desenho com as proporções certas de memória. Comecei a trabalhar com rostos humanos e cores diversas, fazendo misturas e nunca usando as cores reais do modelo vivo.

Contraoondo o momento vivido na academia com a minha vida pessoal, passei por alguns momentos difíceis durante o curso que me fizeram questionar se eu realmente gostaria de seguir com essa formação, se a Escola de Belas Artes era meu lugar e onde eu me encaixava ali. Com todos esses questionamentos, paralelamente a habilitação de “Desenho”, comecei a fazer “Licenciatura”, com a esperança de me encontrar em algum lugar.

Ao final das disciplinas de desenho não consegui alcançar meu objetivo de desenhar de forma realista, então comecei a fazer um curso por fora onde aprendi algumas técnicas de cor, forma, composição, perspectiva, luz e sombra, figura humana. Para ser um desenhista de realismo o artista deve ter muita dedicação, estudar as técnicas e treinar, treinar e treinar. Ao final do meu curso fiquei satisfeita com meu desenho e não tive mais essa fixação por desenhos realistas. Descobri minha forma de desenhar e gostei dos resultados que consegui chegar.







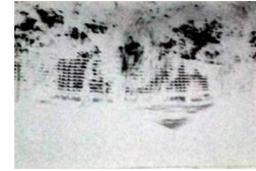
Assim como na figura humana, no desenho de paisagem eu misturo as cores de modo que não correspondam com o real, como, por exemplo, o roxo nas árvores e azul nas plantas. Apesar de admirar muito os desenhos de paisagem, nesse momento ainda era envolvida pela figura humana, mesmo não tendo muita dedicação com os referidos desenhos. Pode-se reparar que há muitas distorções, com pouca noção de perspectiva. Experimentei alguns materiais, como canetinha, giz pastel, grafite e lápis de cor. Nessa modalidade o meu preferido é o lápis de cor aquarelado, mas o efeito do desenho a canetinha me chamou atenção.



## FOTOGRAFIA BÁSICA

Comecei os meus estudos aprofundados da história da fotografia e a descoberta da câmera escura. Criei minha própria *pinhole* e fiz algumas fotografias e revelações. Nesse processo, tirei algumas fotografias inspiradas em capas de época, pois foi um momento que me interessei pela leitura de romances de época. Comecei a pensar em trabalhar como capista, já que me interessava muito a relação visual que o leitor tem com o livro, antes de comprá-lo. Fiz algumas fotografias, mas essa ideia não durou muito e morreu ao final da disciplina.

Vi um documentário do Artista David Hockney, “O conhecimento secreto”, onde me interessei pela câmera escura, e sua descoberta sobre os pintores renascentistas. Inspirada nesse vídeo, criei uma proposta didática que já apresentei em algumas turmas, trazendo não só o contexto teórico, mas prático com a produção do “Monóculo de câmera escura”, (assim eu o nomeei).



## PINTURA

Depois do interesse pelo corpo humano, principalmente o corpo feminino, comecei a pintar figuras femininas, usando sempre muitas cores. Cores que não condiziam com a pele ou textura humana. Comecei a fazer muitos empastes, fazia a preparação do fundo da tela sempre misturando duas cores. Procurava deixar a marca do pincel com a tinta em evidência. Comecei a trabalhar pintura tridimensional, que no primeiro momento não deu muito certo, por diversas vezes limpei a tela e comecei do zero.

Sou uma pessoa que tenho muito apego as minhas pinturas, não consegui e nem quero vender nenhuma delas. Uma ou outra vendi ou fiz por encomenda. Estas, na hora que produzir o quadro, procurei não colocar nenhum afeto no trabalho, para que eu conseguisse me desapegar. Mas, em contrapartida, quando canso do trabalho, por algum tipo de incômodo, a minha reação é apagar o trabalho e pintar outra imagem por cima. Por diversas vezes isso aconteceu e, por sorte, até hoje não me arrependi.

Apesar de pintar de forma rápida e terminar em horas uma pintura de 80x60, sempre retorno com ela para o ateliê e dou um ou outro retoque. Isso acontece algumas vezes, até que finalmente eu olhe pra ela e decida parar.



## PERFORMANCE



Fonte: Renata Procópio (2017)

### O processo da performance

Foi inspirada na performance “Sirva-se” de Michael Groisman. A experiência de performance aconteceu em grupo. No início, não sabia ao certo o que fazer. As ideias estavam confusas e tudo parecia impossível de acontecer. Aos poucos, eu e meu grupo, fomos encontrando características em comum e ideias que, aos poucos, foram sendo construídas, até chegarmos ao tema feminicídio. Quando enfim o trabalho do processo estava registrado por escrito, meu maior medo era que nada do que foi planejado desse certo na prática.

## **A vivência da performance**

Usamos o pátio interno da Escola de Belas Artes para realizar a performance. Assim que me reuni com meu grupo, no centro do “piscinão”, esqueci o nervosismo e atuamos em um palco de pano com chuvas de tintas vermelhas. O processo foi tão natural que eu mal me lembro das sensações que senti. No término da ação, eu olhei para o chão, que agora era uma tela com manchas vermelhas, e me surpreendi. Aquele pano estirado ao chão parecia uma cena de crime. Todas do grupo estavam sujas de vermelho, como se tivessem sido espancadas ou até assassinadas. Olhei para todo o cenário e me espantei, tínhamos feito uma coisa especial. Tratar o tema feminicídio não é uma coisa fácil. Cheguei a pensar que ao final do trabalho não conseguiríamos passar tudo aquilo que estávamos sentindo, mas ao perceber toda aquela ação fui tocada de modo especial. O processo e a execução do trabalho saíram muito melhor do que aquilo que eu tinha imaginado.

## ARTES GRÁFICAS

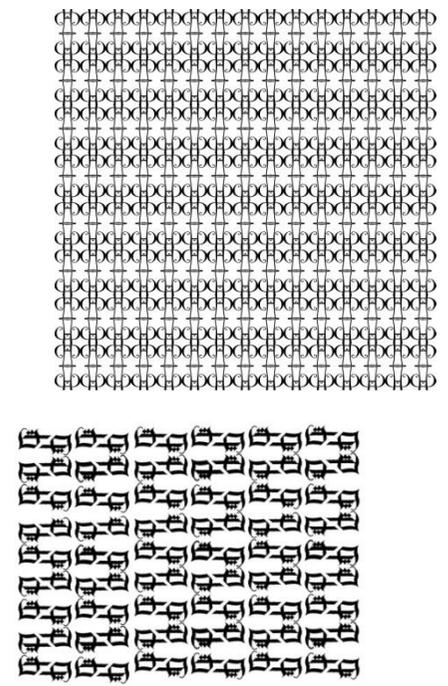
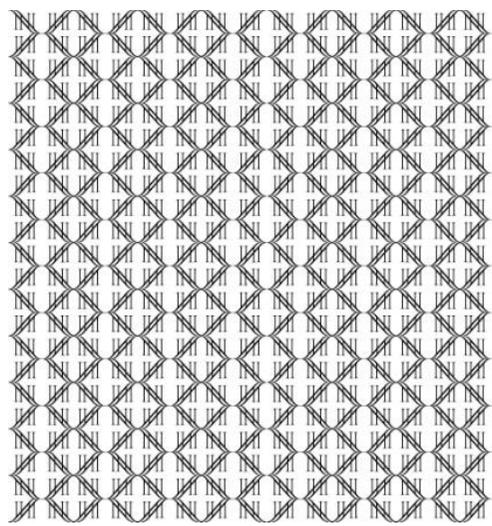
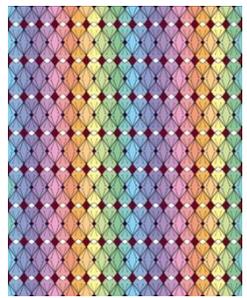
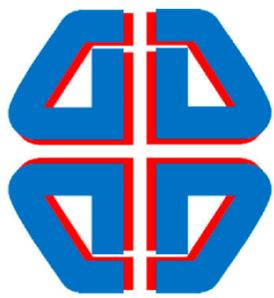
Comecei a estudar Artes Gráfica em um momento muito feliz da minha vida. Onde eu tinha acabado de assinar um contrato com uma editora para a publicação do meu segundo livro “Burlando a Morte”. Foquei nos estudos das gráficas justamente para ter uma base teórica e até prática de como produzir, como publicar, fazer a diagramação e até a capa de um dos meus trabalhos.

Minha dificuldade inicial foi aprender a mexer no *Photoshop*, pois tive que me virar e procurar aprender sozinha, como em quase tudo na Escola. Já no meio do curso, comecei a dominar algumas partes do programa de edição e produzi uma tipografia fantasia usando uma presilha de cabelo, um canivete e um batom. Comecei a criar algumas estampas com letras, cenários e pessoas usando o conjunto de letras.

A	a	B	b	C	c
D	d	E	e	F	f
G	g	H	h	I	i
J	j	K	k	L	l
M	m	N	n	O	o
P	p	Q	q	R	r

S	s	T	t	U	u
V	v	W	w	X	x
Y	y	Z	z		
0	1	2	3	4	5
6	7	8	9		

#	\$	%	&	(	)
-	@	[	]	^	~
+	=	'	"	*	
\	/	(	)	÷	:
.	?	>	<	!	:
.	'	-	-	,	



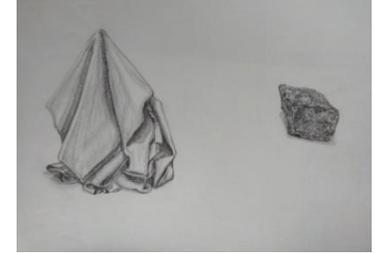
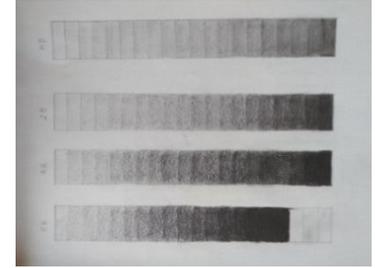
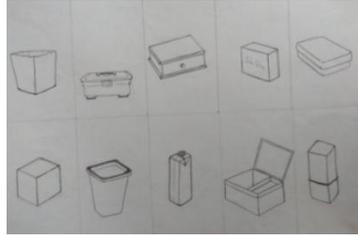
Aprendendo um pouco sobre diagramação e gride, comecei a desenvolver alguns livros gráficos. Desde o início da disciplina pensei em criar uma história em quadrinhos. No primeiro momento, pensei em transformar meu livro nessa possibilidade. Depois essa ideia foi perdendo força, pois não conseguia conciliar todas as matérias com essa produção. Então, no final do curso criei uma história em quadrinhos de quarenta páginas contando a vida de um jovem que sofria ansiedade. Foi ai que publiquei meu terceiro livro na plataforma da *Amazon*. Criei um *instagram* literário onde me dediquei a divulgação dos meus livros. Essa nova paixão que é a escrita tomou conta do meu tempo, me afastando um pouco das artes visuais. Me dediquei a alguns trabalhos avulsos, onde se percebe as cores, estilos e formas que sempre trabalhei.

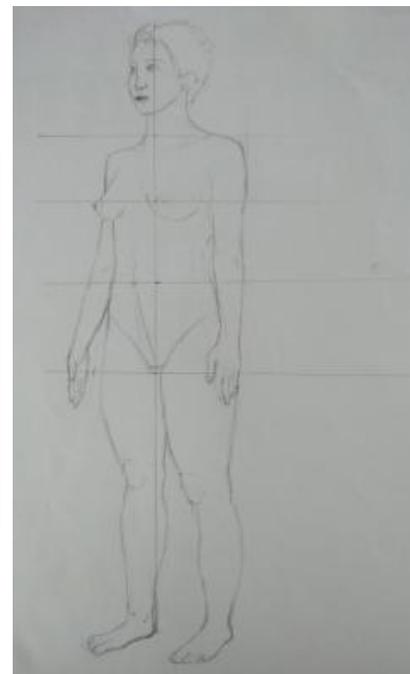
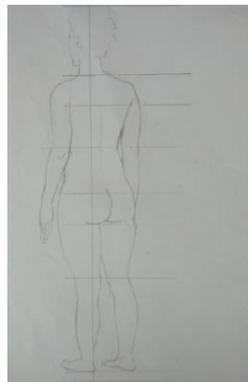


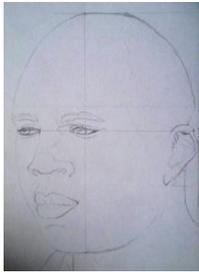
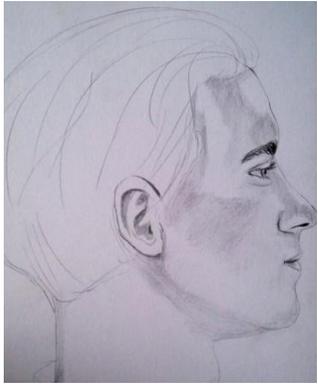
## O CAMINHO

No início do curso eu tinha uma necessidade imensa de conquistar o desenho realista. Confesso que também tinha um enorme preconceito com desenhos distorcidos e fora da técnica. Hoje percebo o quão contaminada eu estava, ao andar pelas exposições dos museus eu escutava alguns comentários como “eu faço melhor que isso”, “isso não é Arte”. Assim como essas pessoas eu estava corrompida pela “Belas Artes” que a academia antes das Vanguardas criou. Olhando o contexto histórico das Artes percebo como foi importante o surgimento da fotografia e como ela libertou, principalmente as Artes Visuais, de um desenho de representação do real para criar novas formas de olhar o mundo. A fotografia, naquela época, tinha a função retratar o real, e depois do seu surgimento o artista poderia pintar da forma que lhe aprouver, e aos poucos essa nova Arte começou a ser aceita.

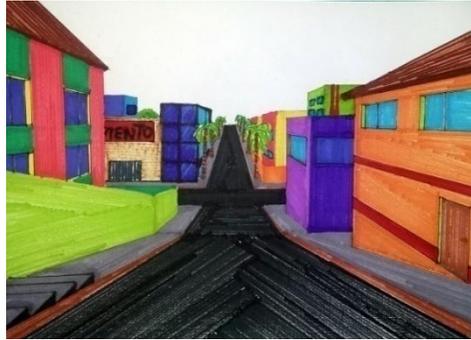
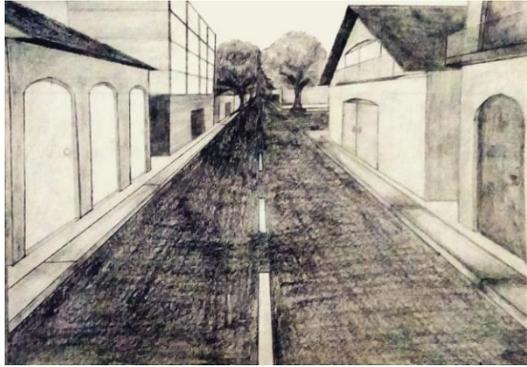
Longe de mim, querer desmerecer o desenho realista e o artista que domina essa técnica, devo ressaltar um ponto negativo da academia que a todo momento prega a desconstrução da Arte acadêmica do século XIX – desenho técnico e realista. Pregam a desconstrução de uma Arte acadêmica que não é construída nem no ensino básico e nem na Escola de Belas Artes, uma vez que esse tipo de técnica não chega a ser desenvolvida em nenhum desses dois espaços. Ao meu entender o ponto crucial para se criar algo novo é valorizar e conhecer a tradição para, posteriormente, se pensar em desconstrução. Como desconstruir aquilo que, de fato, não conhecemos e nunca chegamos a produzir?













MINHAS CORES

## Meu Canto (Ateliê)

Espaço de aprendizagem e exploração de novas idéias.

Espaço meu, que é apenas compreendido por mim.

Meu canto, onde uno minhas artes.

A música está ali,

A literatura chega aos poucos,

A tinta está lá faz um tempo

E a escultura tenta entrar aos poucos,

mas perde força com a potência de suas iguais.

## MINHAS CORES

Em toda minha trajetória na academia experimentei diversos tipos de materiais e suportes. Um dos materiais que mais me identifiquei foi à pintura acrílica no tecido. Assim como meus colegas, todos nós temos algum tipo de suporte que preferimos, ou tipo de tinta, mas o que mais me chamou atenção são as cores que cada colega cria ou escolhe para usar em suas produções.

Em uma de minhas primeiras aulas de *Cor, forma e composição*, a professora nos entregou três pigmentos com as cores primárias e pediu para cada aluno criar novas cores. E essas foram às cores que criei:



Naquele momento não tinha percebido que essa pintura tinha um significado. Somente depois de quatro anos fui entender a minha paleta de cores e como de forma inconsciente eu utilizava essas cores nos meus trabalhos.

## Arte da Cor: Johannes Itten

Em 1928, quando o ex-professor da Bauhaus Johannes Itten ensinava seus alunos pintores sobre as concordâncias harmônicas das cores, teve uma grande descoberta. Enquanto ensinava sobre círculo cromático, cores opostas e harmonia, seus alunos entraram em discussão, pois havia uma discordância sobre o assunto tratado. Então Itten pediu para que cada aluno pintasse cores que considerava harmônicas e agradáveis. Ao final, cada aluno realizou a atividade mostrando uma grande diferença entre cada trabalho. Itten concluiu que cada aluno possuía uma concepção diferente da harmonia das cores. Sem que soubesse qual pintura pertencia a cada aluno, o professor – por uma inspiração repentina (como é descrito em seu livro: *Arte Del Color*, 1970) – foi apontando cada uma das pinturas ao seu respectivo pintor. Os alunos ficaram em silêncio tentando entender qual relação que o professor criava para unir a obra e o autor. Ao final da aula o professor concluiu com a seguinte frase: "Os agrupamentos de cores que cada um fez respondem a uma impressão subjetiva: são cores subjetivas." (ITTEN, 1970, p 23, tradução nossa<sup>1</sup>)

Essa experiência foi seguida de muitas outras nos anos que se seguiram. Itten percebeu que os alunos instintivamente faziam suas obras usando suas próprias cores e as cores complementares as suas, isto é, cores do cabelo, olhos e pele.

---

[1]“Las agrupaciones de colores que cada uno ha realizado responden a una impresión subjetiva: son colores subjetivos.”

Ele afirma que para compreendermos o significado das cores subjetivas devemos observar além das características gerais das cores e manchas e sim os pequenos detalhes. Itten ainda aponta que as características visuais como cabelo, pele, olhos não são suficientes para essa classificação e o que mais importa é a irradiação do indivíduo.

Os efeitos da cor devem ser compreendidos e vivenciados de uma maneira óptica, psíquica e simbólica.

Os pontos de vista para se estudar a cor são: **Física** – estudando suas energias e vibrações, – **Química** – estudando a construção molecular da matéria, – **Fisiológica** – analisando as ações operacionais da luz e das cores em nosso sistema visual, – **Psicológica e Simbólica** – percebendo as intervenções que as cores provocam em nosso subconsciente, estudando seu simbolismo e sua definições. (ITTEN, 1970)

Referente ao estudo da cor de Itten, os pintores se diferenciam em três tipos: **Epígonos** – são aqueles que não possuem cores próprias e só imitam o modelo. **Originais** – suas pinturas e composições correspondem a sua concordância subjetiva, mesmo que haja um tema diferente suas pinturas permanecem com a mesma cor. **Universais** – cada uma de suas composições possuem cores diferentes, dependendo do tema que é tratado. Eles também possuem uma vasta gama cromática usando sua concordância subjetiva, os tornando raros.

Itten define as cores com as seguintes categorias: Contraste quente-frio: As sensações de temperatura que as cores provocam;

Complementares: As cores que se opõem entre si de forma recíproca.

Contraste simultâneo: Fenômeno que se dá quando uma cor produz simultaneamente sua cor oposta.

Contraste qualitativo: É o grau de pureza e de saturação de uma cor.

Com base nesses estudos de Johannes Itten, a artista plástica e designer americana Suzanne Caygill criou por volta dos anos 40 um sistema que visa usar as harmonias das cores na moda.

### **Método Sazonal: Suzanne Caygill**

Esse método é uma análise de coloração pessoal e consiste em descobrir três características principais **Temperatura:** cores quentes e frias, **Intensidade:** cores vibrantes e suaves, e **Profundidade:** cores escuras e claras. Suzanne criou quatro categorias para segregar as cores usando as quatro estações do ano: Primavera, Verão, Outono e Inverno. E assim surgiu a paleta Sazonal. Caygill foi a primeira pessoa a perceber as semelhanças harmônicas das cores pessoais e as cores encontradas na natureza. (BANQUERI, 2014)

Esse método promete decifrar suas cores pessoais, descobrindo qual paleta combina mais com suas cores naturais visando à total harmonia.

Em uma de minhas pesquisas no *youtube* encontrei um vídeo sobre colorimetria. A *youtuber* falava sobre um método para descobrir quais cores ficam melhores em cada pessoa. Depois de pesquisar sobre o assunto e tentar descobrir quais são minhas cores decidi contratar uma consultora.

Na consultoria as profissionais me contaram um pouco sobre o professor Johannes Itten e como seus alunos de pintura usavam suas cores em suas pinturas. Depois desta descoberta contei a elas que também pintava e gostaria de saber se eu também usava de forma inconsciente minhas cores em minhas pinturas. Falei a elas que ao final da consultoria mostraria algumas fotos das minhas pinturas para conferirmos se minha paleta de cores batia com as cores ali presentes.

As profissionais me informaram que usariam o Método Sazonal para descobrir quais cores combinavam comigo.

A conclusão final que elas chegaram foi à seguinte: Minha paleta é a OUTONO ESCURO, minha temperatura é NEUTRA, Intensidade PROFUNDA, e meu Contraste é MÉDIO.

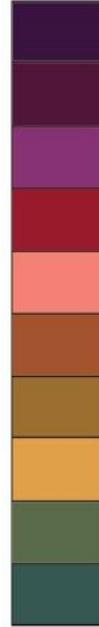
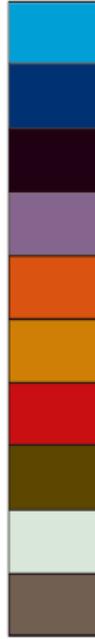
Estas são as cores que mais se harmonizam com minha pele.

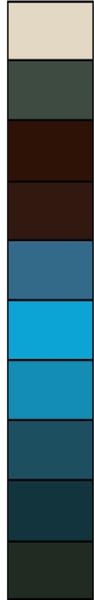


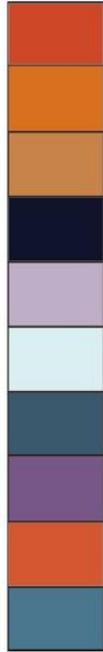
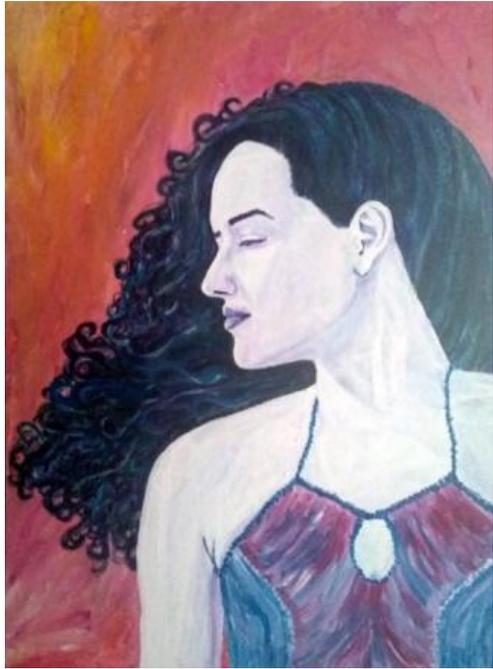
Ao final da análise de cor mostrei as consultoras algumas de minhas obras, e elas ficaram espantadas como as cores que predominavam nas pinturas batiam exatamente com as cores da minha paleta de cor Outono escuro.

### **Outono escuro em minhas obras**

A partir destas descobertas e dessa experiência que vivi, decidi voltar a meus trabalhos e fiz uma seleção de seis pinturas onde consegui identificar as cores da minha paleta.







Antes mesmo de aprofundar no estudo das cores, penso que de forma intuitiva eu pintava usando cores complementares. Como pode ser percebido na cor mostarda e roxa. Obvio que agora de forma consciente consigo identificar essas questões e trabalhar as misturas de tinta nas minhas produções.

E assim faço a mesma pergunta que os alunos de Itten fizeram pra ele: Existem regras de cor e aplicações gerais para o artista?

Para Itten a resposta é: “Se você, sem saber, é capaz de criar obras de Arte em cores, então o não-conhecimento é o seu caminho. Mas se você é incapaz de criar obras-primas com a cor fora do seu não-conhecimento, então você deve olhar para o conhecimento.” (ITTEN, 1970, p 7, tradução nossa<sup>2</sup>)

---

[2] “Si podéis, sin saberlo, crear obras maestras de color, vuestro camino es no saber. Pero si, de esta ausencia de ciencia, no podéis deducir obras maestras, debéis intentar instruiros.”

# A CRIATIVIDADE PARA O ARTISTA

## Jardim

Sinto o vento tocar em meu rosto como um beijo de uma mãe toca as bochechas de seu filho.

Olho para o céu e vejo pássaros voando acima das nuvens que parecem um algodão doce.

O aroma das flores invade meu nariz me fazendo lembrar dos sonhos que tive quando era criança.

Uma casa na árvore

Uma jabuticabeira

E hortênsias de várias cores.

## **A CRIATIVIDADE PARA O ARTISTA**

Depois de quase dois anos na Escola de Belas Artes, eu sempre me questionava “O que é Arte?”, “Qual a sua função?”. Como eu não encontrava uma resposta convincente e concreta para essas perguntas, fui me desinteressando e me frustrando cada vez mais com minha escolha de graduação. Apesar de fazer trabalhos artísticos e estar cursando Artes Visuais, se me perguntassem “Qual a importância da Arte?” eu gaguejaria e não saberia responder com precisão. E foi assim até o dia que estudei o termo criatividade. Nele eu encontrei respostas para os meus questionamentos.

Em um país onde as Artes não são valorizadas, essa pergunta é muito pertinente como artista e como futura professora onde terei que me agarrar constantemente em minhas convicções e conhecimentos artísticos.

## Arte por si mesma – Origem do termo Criatividade

O conceito de criatividade surgiu no século XVIII, e estava associada à loucura, irracionalidade e principalmente ao gênio na criação artística. Outra concepção consiste em associar a capacidade criativa à imaginação, que inicialmente a consistia em processos mentais. Porém com o tempo, a definição criatividade começou a corresponder a capacidade de formar imagens. A imaginação é colocada na base da criação artística, como mediadora entre o real e o sonho; o objetivo e o subjetivo; a realidade e a fantasia. Ela permite estabelecer relações entre o mundo dos sentidos e a materialização da obra de Arte. (PELAES, 2010)

Para o Psicólogo bielo-russo Vygotsky:

“A imaginação criadora é resultante da capacidade de fantasiar situações. O indivíduo irá criar segundo a sua capacidade de imaginar e fantasiar com base numa série de fatores, entre eles, a experiência acumulada, enquanto um produto de sua época e seu ambiente”. (PELAES, 1992, p 7)

A imaginação é a base da criação artística e a criatividade é a capacidade de criar imagens, assim entendo que as produções artísticas estão diretamente ligadas ao processo de criatividade. Um ponto crucial para um artista que está na constante busca de sua capacidade criativa é nunca

esperar vir à inspiração para depois produzir. O artista deve entrar num ciclo de uma constante busca de conhecimento teórico, prático (técnicas) e referenciais imagéticos, Consequentemente essa produção de imagens aguçará cada vez mais sua criatividade. (PELAES, 2010)

Um estudo feito no ano 2000, pelos pesquisadores Ellen Winner e Lois Hetland, do projeto Zero- programa de educação artística na Escola de Educação de Harvard – concluíram que os alunos que cursavam Artes se saíam bem em outros cursos, mas deixou de mencionar os benefícios da Arte por sim mesma. Depois de muitas críticas os autores rebateram a pesquisa, em uma entrevista para o Jornal *The New York Times*, 2007 entrou em pauta o livro *Studio Thinking: The Real Benefits of Visual Arts Education*, 2007 (Pensamento em estúdio: os reais benefícios da educação em Artes visuais) escrito por Ellen Winner, Lois Hetland, Shirley Veenema e Kimberly Sheridan, que relatam novas descobertas de benefícios obtidos com aulas de pintura, desenho, escultura e outras Artes Visuais.

Essa pesquisa foi feita em dois colégios em Massachussetts, três na Bosron Arts Academt, duas na Walnut Hill School onde for the arts e uma escola em Natick. As pesquisadoras observaram alunos sendo ensinados por cinco professores de Artes Visuais. Todos os alunos observados se matricularam em uma especialização artística. As autoras gravaram uma aula de duas a três horas de cada professor uma vez por mês durante um ano letivo. Elas se dedicaram a analisar o ensino e a aprendizagem. Depois de cada aula, elas mostravam esses vídeos ao professor e

perguntavam sobre suas intenções. Algumas perguntas feitas foram: "Por que você fez isso?", "Qual era o seu objetivo?", "Que tipo de aprendizado você estava tentando fazer?" (POGREBIN, 2007)

Em uma das aulas que foram gravadas os alunos são instruídos a olhar através de um visor com um olho, sendo assim, eles perdem a noção de profundidade e veem o mundo como se fossem dois. Segundo a análise “[...] o exercício não apenas desmistifica o desafio de desenhar, mas também permite que os alunos entendam formas alternativas de ver.” (POGREBIN, 2007)

O resultado de toda a pesquisa concluiu que “Estudantes que estudam as Artes com seriedade são ensinados a ver melhor, a imaginar, a persistir, a ser brincalhões e aprender com os erros, a fazer julgamentos críticos e justificar esses julgamentos” (POGREBIN, 2007)

Para Elliot Eisner, professor emérito de educação da Universidade de Stanford, “Aprender através das Artes promove a idéia de que há mais de uma solução para um problema ou mais de uma resposta a uma pergunta.” (POGREBIN, 2007)

Usando as palavras de Winner em sua entrevista para o *The New York Times* “Se a única razão pela qual estou tendo Arte é melhorar a matemática, vamos apenas ter mais matemática” [...] “As Artes precisam ser valorizadas por suas próprias razões intrínsecas.” (POGREBIN, 2007)

A disciplina Artes tem a função de desenvolver o pensamento artístico e da percepção estética. Fazendo com que os alunos ordenem e deem sentido à experiência humana, desenvolvendo a sensibilidade, percepção e imaginação. (Parâmetros Curriculares Nacionais)

“A imaginação criadora permite ao ser humano conceber situações, fatos, idéias e sentimentos que se realizam como imagens internas [...]. É a capacidade de formar imagens que torna possível a evolução do homem e o desenvolvimento da criança; visualizar situações que não existem, mas que podem vir a existir abre o acesso a possibilidades que estão além da experiência imediata.” (PCN, 1997, p.41):

A imaginação criadora é a fonte originária da criatividade que gera a capacidade de investigar possibilidades e não apenas reproduzir relações conhecidas. A criatividade é o ponto chave para que o artista e também qualquer outro indivíduo que a pratique saia da caixa e dos padrões estereotipados que nos foram impostos ao longo da vida.

Ao longo dos anos, as histórias das Artes nos mostram que o fazer artístico foi usado como forma de representação da imagem, seja ela paisagem, retrato ou natureza morta, e com o surgimento da fotografia em 1826 as Artes puderam finalmente se libertar e produzir não somente pinturas realistas, mas formas abstratas, performances, e Arte conceitual. Com isso os artistas se viram em um dilema “Como criar algo novo?” E este é o próximo ponto que vou tratar.

## Ser criativo

Desde os primórdios da infância podemos perceber a desenvoltura que as crianças têm com o desenho ou com as Artes plásticas em geral. Mas depois dessa fase nos perguntamos “Porque algumas pessoas se desenvolvem como artistas enquanto a grande maioria não?”

Não há dúvidas que algumas pessoas possuem aptidão natural a habilidades artísticas, mas não é dessas pessoas que vamos tratar agora e sim de pessoas que não possuem essa aptidão natural e se desenvolvem como artistas. Para Howard Gardner, 1999, um agente que contribui para desenvolver em nós a habilidade artística é o ambiente no qual nos desenvolvemos. Ele afirma que o ambiente deve assumir a função mais ativa e que é necessário equipar a criança com diversos tipos de materiais e expô-la a diversos tipos de obras. Esse tipo de experiência, juntamente com traços de sua personalidade fará com que a criança futuramente atinja a grandeza artística. (GARDNER, 1999)

Para a criação da obra o artista possui duas vertentes: o **momento da inspiração** que se dá intuitivamente e a **luta**, que é o momento mais difícil, pois o artista terá que transportar as idéias que estão em sua mente para seu suporte: tela, pedra, papel, seja quais for. (NACHMANOVITC, 1993)

Muitos momentos de inspiração eu tive quando escutava música, ou mesmo em meus sonhos enquanto dormia e tendo contato com outros tipos obras artísticas. Muitas imagens ou histórias vinham em minha mente e a parte mais difícil era transportar essas imagens e idéias para o papel ou a tela, que são minhas ferramentas. Muitas vezes eu conseguia fazer exatamente como estava na minha mente, outras vezes eu me frustrava e acabava tampando o trabalho que estava sendo produzido e partia para outro projeto. Na maioria das vezes a tela ou o desenho não saíam como eu queria, quando comecei a pintar, mas ao final eu já tinha criado uma identificação com a obra e acabava gostando mais de como ela ficou fisicamente do que no meu subconsciente.

“Podemos levar uma vida ativa sem nos prendermos tanto a roteiros ou rígidas expectativas: fazer sem se preocupar com o resultado, porque o fazer é em si mesmo o resultado.” (NACHMANOVITC, 1993, p 28)

Todo ser humano possui biologicamente a capacidade de imaginar, o que diferencia uma pessoa criativa de uma pessoa prosaica é a sua vontade de experimentar e fazer, a experiência em si.

A experiência: o fazer e a experimentação são os fatores primordiais para desenvolver um artefato ou uma obra de Arte. Está além da imaginação, pois ela sai do imaterial para o material. Não chegando somente no fator físico da obra, mas no processo de toda a criação.

“Para fazer qualquer coisa com Arte é preciso adquirir técnica, mas criamos por *meio* de nossa técnica, e não *com* ela”  
(NACHMANOVITC, 1993, p 30)

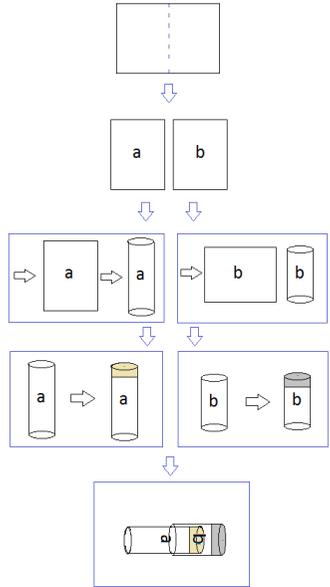
### **Sequência didática**

Na busca pelo desenho realista encontrei um documentário do artista David Hockney onde perdi o desejo pela precisão quase fotográfica que os renascentistas possuíam. Neste documentário Hockney descobre que após o século XV alguns artistas como Vermeer, Van Eyck, Caravaggio utilizavam a câmera escura como recurso em suas pinturas. A câmera escura funcionava como um slide que projetava o cenário a ser pintado dentro de uma caixa escura. O artista ficava dentro da caixa e usava a projeção das imagens para facilitar a precisão dos traços, da luz, da sombra e da perspectiva a ser pintado. A partir desta descoberta comecei a pensar em um material didático onde eu pudesse utilizar deste recurso para fazer algumas pinturas. Inicialmente produzi um Monóculo de câmera escura em uma dimensão prática e acessível para a produção em sala de aula, considerando uma aula de 50 minutos. Mas a partir deste Monóculo pensei em um desdobramento que precisaria de um tempo maior para a produção e desenvolvimento.

Para produzir o material didático levei para cada aluno uma folha preta de encadernação, uma fita adesiva, um pedaço 5x5 cm de papel alumínio, um pedaço de 5x5 cm de papel vegetal. Introduzi a sequência perguntando sobre o que os alunos conheciam sobre câmera escura, e alguns já sabiam sobre ela e sua relação com o descobrimento da fotografia. Contei a eles sobre o documentário de David Hockney e sua incrível descoberta sobre os artistas renascentistas, depois começamos a produção do monóculo, que seria uma versão diminuta da câmera escura. Para produção do material cada aluno recortou a folha preta ao meio, com ambas as partes eles criaram um cilindro, um com diâmetro maior e o outro pouco menor para que um possa entrar no outro, e para unir as partes utilizamos a fita adesiva. No cilindro com diâmetro maior tampamos uma de suas aberturas com o papel alumínio, e no cilindro com diâmetro menor tampamos com o papel vegetal. Com o cilindro de menor abertura dentro do maior, e com ambas as aberturas viradas para o mesmo lado, demos um pequeno furo no papel alumínio, assim a luz passa pelo orifício do alumínio, a imagem se projeta no papel vegetal e pela abertura podemos ver esta projeção.

Fiz esse experimento em duas turmas do Ensino Fundamental, com alunos do sexto e oitavo ano. Os resultados foram similares durante a produção do material, porém na turma do sexto ano, no dia que fiz o monóculo, o tempo estava nublado e isso impossibilitou os alunos de enxergarem a projeção dos objetos de forma clara, pois tínhamos pouca luminosidade na parte externa da escola. Já com a turma do oitavo ano, os alunos conseguiram ver de forma nítida a paisagem e objetos. Um dos alunos do oitavo ano se interessou tanto pela proposta que estava organizando alguns materiais para a produção de uma câmera escura maior.

Na primeira imagem está o esquema para se construir o monóculo de câmera escura. A terceira imagem é a foto por dentro do monóculo, onde podemos notar uma paisagem com o céu e algumas casas. Esta imagem foi formatada e invertida verticalmente, pois dentro do monóculo a imagem é sempre vista de cabeça para baixo.





Fonte: Rebeca Irene Tavares (abril, 2019)

## **Pintura na Câmera Escura: desdobramentos possíveis (ainda não experimentados)**

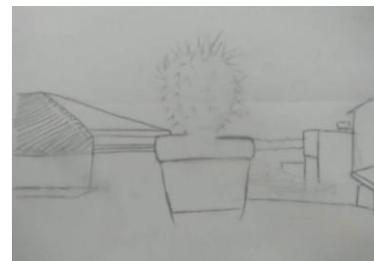
O desdobramento possível para esta proposta é produzir uma câmera escura maior, usando uma caixa de papelão, para que cada aluno possa usar a projeção para fazer as marcações e os contornos e assim produzir uma pintura, usando as mesmas técnicas que alguns renascentistas usaram, segundo Hockney. Cada aluno iria produzir uma pintura, a partir da projeção vista na câmera, usando a teoria de cor de Johannes Itten, que seria previamente explicada. O aluno faria sua pintura individualmente e, depois de prontas, organizaríamos uma exposição. Cada aluno deveria tentar identificar e relacionar a obra a seu autor, a partir das cores que foram usadas em cada produção.

Infelizmente, devido ao curto tempo que tive para a realização desta proposta, não consegui completar toda a experiência com os alunos do Ensino Fundamental, por isso vou deixar relatado aqui somente minha experiência pessoal.

Para a produção da câmera escura eu utilizei uma caixa de papelão com tamanho 40x20x25 cm, onde pinte o seu interior de preto. Fiz um furo em sua extremidade com a circunferência de um centímetro, na face a frente do furo fiz um buraco retangular de 20x12 cm onde fixei com fita adesiva uma folha de papel vegetal. Logo após esse processo, fechei a caixa vedando todas as outras aberturas que permaneceram, para que a luz transceda somente no furo de um cm que foi feito, para finalizar pinte o lado externo da caixa com spray cobre, um fator puramente estético.

Com a caixa pronta, posicionei a câmera em frente a um objeto que recebia bastante luminosidade, coloquei uma lente de óculos a frente do orifício para ajudar a focar o objeto, e fiz as marcações da composição a ser pintada. Depois das marcações retirei o papel vegetal da câmera, reforcei as marcações e fiz uma pintura por cima, deixando algumas partes em branco para poder identificar as linhas da perspectiva que a câmera me ajudou a fazer. As cores a serem pintadas são as mesmas que instintivamente venho usando ao longo do meu percurso.





## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta monografia consegui construir um caminho de reflexões onde trouxe minhas experiências e questionamentos enfrentados na graduação, com isso, pude desconstruir preconceitos sobre o desenho solto – sem técnica acadêmica – e criar minha própria técnica a partir de minhas vivências. Usando como exemplos meus trabalhos e observando os trabalhos de meus colegas pude estudar sobre os processos das cores e entender a relação entre o pintor e a cor de suas representações. Como referência, trouxe os estudos do professor Johannes Itten onde ele mostra sua experiência e de seus alunos em sua aula de concordâncias harmônicas da cor e sua descoberta sobre a compreensão da escolha de cada pintor, juntamente com os estudos do Método Sazonal da Suzanne Caygill e sua análise de cor relacionadas com as quatro estações do ano, estes estudos fizeram com que eu voltasse as minhas pinturas para analisar suas cores e construir uma conexão entre elas a partir da minha paleta Outono escuro.

Depois de trilhar o caminho da Licenciatura tive diversos questionamentos que foram supridos através do estudo e da prática em desenvolver nosso lado imaginário e alimentar nossa parte criativa. Todo esse compilado de ideias me ajudou a construir um material didático e uma sequência didática onde trago de forma clara as questões que enfrentei quanto à descoberta da minha paleta de cores e técnicas para se criar

um desenho realista. Fazendo com que minhas experiências possam contribuir com os futuros questionamentos de meus alunos, e com que essa sequência didática possa despertar neles não só o desejo pelo conhecimento, mas desenvolver seu lado criativo e consequentemente aguçar o seu olhar para novos caminhos e reflexões.

Impossibilitada, pelo horário que foi me oferecido em minha regência no estágio, minha sequência didática se limitou a primeira parte – produção de um monóculo de câmera escura –, acredito que futuramente essa proposta possa ser desenvolvida por completo em minhas futuras aulas, ou de quaisquer pesquisador e professor que queiram contribuir em minha pesquisa. Reflito que este trabalho coopera para futuras pesquisas em cor, onde se pode analisar um grupo de pintores e suas paletas de cores.

Penso que de modo objetivo, a Arte e a educação através da Arte colaboram para o desenvolvimento do indivíduo, bem como sua interação social, e suas perspectivas futuras. E através da minha experiência pessoal que foi citada aqui eu posso contribuir para que cada indivíduo seja capaz de experimentar materiais e desenvolver sua expressão estética pessoal por meio do fazer artístico.

## REFERENCIAS

PELAES, Maria Lúcia Wochler. Uma reflexão sobre o conceito de criatividade e o ensino da Arte no ambiente escolar. Revista Educação v.(5) n.(1), 2010.

POGREBIN, Robin. Revista The New York Times: Book Tackles Old Debate. 4 de agosto de 2007. Disponível em <https://www.nytimes.com/2007/08/04/arts/design/04stud.html>, dia 04 de abril de 2019.

Parâmetros curriculares nacionais: Arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

GARDNER, Howard. Arte, Mente e Cérebro. Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

NACHMANOVITCH, Stephen: Ser Criativo – O poder da improvisação na vida e na Arte. São Paulo: Summus, 1993.

ITTEN, Johannes. Arte Del Color. Edición abreviada. Editorial Bouret 10, rua Cassette, Paris VI. 1970.

BANQUERI, Rodrigo. Biografia dos precursores o visagismo, 2014. Disponível em <https://rodrigobanqueri.com/conceitual/biografia-dos-precursores-do-visagismo/>, dia 19 de abril de 2019.

HOCKNEY, David. David Hockney e o conhecimento secreto - Documentário 2003. Disponível em <https://vimeo.com/93787405> , dia 31 de maio de 2019.